

## Resenha

### **Evangélicos e Política Eleitoral na América Latina**

Sávio Silva de Oliveira\*

BOAS, Taylor. **Evangelicals and Electoral Politics in Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

**E**m “Evangélicos e Política Eleitoral na América Latina”, Taylor Boas examina a participação eleitoral dos evangélicos na América Latina e o marcante ativismo político que tem moldado a identidade do segmento religioso nos últimos anos. Valendo-se da análise de conteúdo de publicações de periódicos evangélicas e do *process tracing*, Boas explica que apesar da intensa mobilização política evangélica marcar o quadro brasileiro, outros países não experimentam tal participação política da mesma forma, por isso o autor compara três países: Brasil, Chile e Peru, destacando seus contrastes.

Boas começa descrevendo o caso brasileiro como o mais emblemático desses três, isto é, os evangélicos brasileiros conseguiram conquistar expressiva influência na política, formando bancadas e apoiando candidatos que tiveram sucesso eleitoral, como na eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018. Boas estabelece nesse momento dois fatores para a mobilização política dos evangélicos no Brasil, que vão ser utilizados para comparação nos outros dois casos. O primeiro fator diz sobre a busca de igualdade religiosa e o segundo fator diz sobre o crescimento do debate em torno de pautas de sexualidade.

Ocorreu que no final do século XX, o Brasil e muitos de seus vizinhos estavam saindo de ditaduras e voltando a regimes democráticos. Para isso era necessário redesenhar as constituições. No Brasil, grupos de evangélicos, sobretudo, da Igreja Universal do Reino de Deus e da Assembleia de Deus, temendo que a Igreja Católica recebesse privilégios diante da nova

constituente, deram sua primeira e bem sucedida guinada eleitoral. Até aquele momento os evangélicos, com destaque da vertente pentecostal, se mantiveram apolíticos, entendendo que a política fazia parte do evitado “mundo secular”. Doravante, a busca por igualdade religiosa foi o primeiro vetor da mobilização eleitoral evangélica no Brasil.

O segundo fator que Boas estabelece, o aumento do debate em torno de pautas de sexualidade, ganhou proeminência assim que a percepção de igualdade religiosa foi conquistada. No Brasil tais debates tornaram-se cada vez mais intensos, impulsionados inclusive por notícias falsas e distorcidas acerca de propostas de combate à homofobia, transfobia e misoginia. Os evangélicos sentem que seus valores tradicionais, pilares da manutenção de uma família tradicional, estão ameaçados pelo avanço de tais pautas progressistas, temem que isso possa interferir na formação de seus filhos. Dessa forma, a intensa reação a tais pautas deu conta de ampliar consideravelmente a Bancada Evangélica no Congresso Nacional.

Boas explica que esses dois fatores quando verificados na experiência chilena não se desenvolveram da mesma forma que no Brasil. O ativismo político evangélico no Chile não é intenso como em outros países da América Latina. Em 2017, quando findava o segundo mandato de Michelle Bachelet, um governo marcado por bandeiras progressistas, a maior igreja evangélica do Chile, a Igreja Evangélica Pentecostal publicou um artigo através de sua principal revista em que orientava os fiéis a terem prudência diante das eleições que se aproximavam, frisando que o dever do cristão seria “orar e votar”, desencorajando assim um maior envolvimento político partidário por parte de seus membros.

O artigo assinado pelas próprias lideranças da igreja contribuiu para a desmobilização de grupos que ensaiavam aumentar o engajamento político ao apoiar com mais intensidade o candidato católico conservador José Antônio Kast. As igrejas evangélicas chilenas poucas vezes se organizaram politicamente. Historicamente os evangélicos chilenos têm apoiado congressistas católicos conservadores. A pauta da igualdade religiosa foi

prontamente atendida por legisladores católicos no início da década de 1990 e a entrada da pauta da sexualidade na agenda política chilena fora carregada por legisladores católicos conservadores, deixando os evangélicos mais “tranquilizados”, diferente dos evangélicos brasileiros. Este cenário soma-se ao fato de as lideranças das igrejas evangélicas chilenas terem geralmente um comportamento mais apolítico, sumariamente diferente do caso brasileiro.

Já no caso do Peru, a busca por igualdade religiosa uniu politicamente os evangélicos peruanos bem antes que no Brasil e no Chile. Isso porque, historicamente, os evangélicos foram vítimas de ataques violentos por parte de grupos católicos radicais. Portanto, se no Brasil os evangélicos se uniram para barrar possíveis privilégios católicos e no Chile parlamentares católicos mostraram-se favoráveis à pauta da igualdade religiosa, no Peru os evangélicos já vinham de uma resistência histórica de uma sociedade marcada pela profunda divisão religiosa. Já havia mobilização político-eleitoral evangélica desde o início do século XX, nas janelas sufragistas que o país teve ao longo de sua história política marcada por sucessivas rupturas democráticas.

Ocorreu que nos anos 1990, Alberto Fujimori ascendeu e convidou grupos evangélicos a apoiá-lo. Estes aceitaram com o compromisso de que o partido de Fujimori garantisse muitas candidaturas evangélicas para o Congresso. Assim foi feito e já no início dos anos 1990 o Peru contava com uma quantidade expressiva de parlamentares evangélicos, sobretudo, quando comparado ao Brasil, uma vez que os evangélicos no Peru não cresceram numericamente tão rápido como neste país e, ainda assim, conquistaram muitas cadeiras no Congresso já naquele momento.

Contudo, no tocante ao ativismo político, em comparação com o Brasil e Chile, os evangélicos no Peru perderam força com o tempo. Embora tenham experimentado sucesso eleitoral ainda no início dos anos 1990, disputas internas levaram os evangélicos peruanos a se dividirem em clivagens profundas. A ascensão de candidatos evangélicos no início dos anos 1990 tem a ver com o alinhamento destes com o Fujimorismo, que prometera amplas

reformas neoliberais e o resgate da moral (Cambio 90). No entanto, o período de Fujimori à frente do país também foi marcado por um período ditatorial, o que lhe rendeu acusações de crimes contra a humanidade, fazendo com que uma divisão pró e anti Fujimori dividisse os evangélicos peruanos em clivagens. Para além disso, os evangélicos peruanos dividiram-se em clivagens ideológicas em grupos mais identificados com pautas de distribuição de renda.

Historicamente, ainda nos anos 1990 as divisões já começaram a se aprofundar. Diante dos arrochos antidemocráticos de Fujimori, a pauta dominante naquele período foi justamente democracia X autoritarismo, fazendo com que pautas como a igualdade religiosa e a sexualidade, que tanto movimentaram o debate público nos países vizinhos, fossem ofuscadas.

Na redemocratização em 2001, tais pautas voltaram a ter espaço, produzindo bastante ativismo político, entretanto, a divisão entre os evangélicos não foi desfeita e a permanência de tal desunião dificulta o avanço de uma representação evangélica efetiva no Peru, somado ao fato de que dinâmica política dos evangélicos neste país continua bastante atrelada ao fujimorismo e anti-fujimorismo.

Portanto, em “Evangélicos e Política Eleitoral na América Latina”, Taylor Boas consegue descrever a dinâmica multifatorial que a representação evangélica tem no continente, sempre relativa à própria história e conjunturas internas de cada país em análise.

**\* Sávio Silva de Oliveira** é Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Contato: [saviogeografia1@gmail.com](mailto:saviogeografia1@gmail.com)

Artigo recebido em: 13/05/2023  
Aprovado em: 29/06/2023

Como citar este texto: OLIVEIRA, Sávio Silva de. Evangélicos e Política Eleitoral na América Latina. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 09, nº 01, p. 267-271, 2023.

### **Referências bibliográficas**

BOAS, Taylor. 2023. **Evangelicals and Electoral Politics in Latin America**. Cambridge: Cambridge University Press.